

Resgatando a memória de quem fez história

“Quem trabalha numa instituição como essa, não lida só com histórias tristes. Há muita alegria e gratificação.”

Realizadora de um projeto que promete resgatar e eternizar as histórias das pessoas que fizeram do INCA tudo o que ele representa hoje, Cassilda Soares é um exemplo de abnegação e idealismo, como tantos outros que marcaram os 70 anos do Instituto. Com um brilho nos olhos, a assessora de Projetos Especiais da Coordenação de Recursos Humanos não contém a emoção ao falar dos mais de 26 anos que dedicou ao Instituto. “Hoje, algumas pessoas não sabem quem fez parte dessa história”, afirma. É justamente esse tipo de comprometimento que a autora pretende valorizar e recuperar com um livro-documentário. Sua maior motivação é recuperar a história e mostrar o valor de personagens importantes da Instituição.

O projeto nasceu em março de 2005, durante o recadastramento da força de trabalho do INCA para a Coordenação de Recursos Humanos. Inicialmen-

te, a pesquisa limitava-se a uma retrospectiva de 10 anos, mas foi crescendo à medida que a autora se surpreendia com a riqueza dos personagens e das histórias exemplares.

Sua proposta é contextualizar os 70 anos a partir da visão e dos depoimentos dos próprios atores, entre diretores, funcionários, voluntários e até mesmo pacientes. Muito mais do que os fatos históricos, o livro reproduzirá a emoção das pessoas que fizeram parte dessa história cheia de imprevisibilidades, diante das transformações políticas e estruturais que, algumas vezes, ameaçaram interromper ou mudar o rumo institucional. “O fator humano sempre foi o grande diferencial. Pessoas comprometidas com o ideal de combater o câncer garantiram a trajetória institucional, apesar das turbulências enfrentadas”, explica. Segundo Cassilda, o que todos os personagens têm em comum é uma relação de afeto e de paixão pelo INCA.

A autora já iniciou o processo de apuração e captação dos depoimentos que conduzirão a narrativa. Por causa da complexidade e extensão da pesquisa oral e documental, que inclui parte de acervos particulares, Cassilda contará com a co-autoria de outros personagens ligados à história do INCA, como o médico Ernesto Rymer, um dos primeiros residentes do Instituto, e do funcionário aposentado Paulo Rebelo, um dos grandes conhecedores da história da Instituição. “Sinto uma obrigação de resgatar e eternizar a alma desta instituição por meio dos depoimentos dos personagens”, justifica. ■



CASSILDA DOS SANTOS SOARES

57 anos, Psicóloga

Nascida em 15 de agosto de 1949, numa pequena aldeia de Coimbra, em Portugal, Cassilda Soares é filha única do casal de lavradores portugueses Antonio Augusto Ferreira Soares e Maria dos Santos Antonia. Órfã de pai desde um ano e meio, veio para o Brasil aos 11, onde continuou os estudos sob a custódia do tio Antonio, irmão mais velho de sua mãe, que a criou. A psicologia surgiu como uma segunda opção ao vestibular de medicina. Iniciou os estudos na Universidade Gama Filho, em 1972, onde se formaria cinco anos mais tarde. Iniciou sua vida profissional em outubro de 76 como consultora de Recursos Humanos, área na qual se especializou e jamais abandonou, sendo responsável pelo recrutamento e seleção, treinamento, cargos e salários, avaliação do desempenho e do desenvolvimento organizacional. Na área da saúde, começou a atuar, ainda em 1979, na Fundação das Pioneiras Sociais. Após ter liderado uma greve nas Pioneiras Sociais, em 1985, sofreu perseguição interna, que culminou com sua transferência para o INCA, onde aderiu à Campanha Nacional de Combate ao Câncer. Atuou como chefe de Gabinete na direção do Hospital do Câncer (90-91) e, em seguida, chefe de Gabinete da Direção-Geral do INCA (92-93). Entre tantas realizações, Cassilda foi a responsável pela criação da Divisão de Saúde do Trabalhador. "Sinto muito orgulho, porque esta Divisão, hoje, compõe a estrutura organizacional do INCA". Tecnologista sênior do Ministério da Saúde, atualmente atua na Assessoria de Projetos Especiais da Coordenação de Recursos Humanos.

HISTÓRIAS CURIOSAS E DIVERTIDAS

No início dos anos 90, a unidade do INCA, localizada na Praça da Cruz Vermelha, Centro do Rio, foi evacuada após uma ameaça anônima de uma suposta bomba instalada no 6º andar. Foi um verdadeiro corre-corre para evacuar às pressas todo o edifício, principalmente os pacientes, o que acabou revelando a falta de preparo de todo o quadro de funcionários para emergências desse tipo. No momento de susto e desespero, os pacientes foram transportados nos braços dos funcionários, o que enfureceu o então diretor-geral do Instituto, Marcos Moraes. Felizmente não passou de um trote, mas a situação trouxe à baila uma discussão sobre plano de contingência, problema, hoje, já solucionado".



Na década de 90, outra história de mistério, porém alegre, virou mito. Por volta de 1997, a equipe de enfermagem foi regularmente surpreendida com as aparições misteriosas de uma enfermeira, vista apenas pelos pacientes e familiares na ala de pediatria. No início da manhã, quando as equipes iniciavam os atendimentos de rotina, surpreendiam-se com a descrição da 'enfermeira louca' que já havia cuidado das medicações, da assepsia ou até mesmo do conserto de cateteres, entre outras rotinas da enfermagem. Na época, membros da equipe acreditavam tratar-se da então chefe do plantão, Ailse Bittencourt. Hoje, chefe de enfermagem do Hospital do Câncer I, Ailse se diverte com o mistério e garante: nunca se soube quem era a enfermeira misteriosa.

